

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 31 No. 2 2018

ARTIGO

## ARQUEOLOGIA E BÍBLIA HEBRAICA: UM ESTUDO SOBRE O APIÁRIO ENCONTRADO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE TEL REḤOV

Élcio Valmiro Sales de Mendonça\*

### RESUMO

A expressão bíblica “terra que mana leite e mel” (cf. Ex 3.8) passou a fazer muito sentido a partir das descobertas arqueológicas de Amihai Mazar em Tel Reḥov. Nesse *tel* foram encontradas várias evidências do período da monarquia israelita, como: jarros, cacos de cerâmica, material cútico, restos de construções e um grande apiário. Este artigo pretende fazer uma análise do que foi encontrado neste sítio, especificamente do séc. IX AEC, e principalmente a produção de mel em Tel Reḥov. A descoberta deste apiário abriu o campo de pesquisa sobre a produção de mel em Canaã no período israelita, mostrando que ele pode ter influenciado inclusive aspectos da tradição do Êxodo originária de Israel Norte. Há fortes indícios que a dinastia omrida tenha dominado Tel Reḥov e a grande produção de mel, para o consumo interno e para exportação durante a primeira metade do séc. IX AEC.

**Palavras-chave:** Tel Reḥov; Arqueologia; Bíblia.

\* Doutor em Ciências da Religião. Professor da Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Atualmente concentra suas pesquisas na análise de epigrafia paleohebraica do séc. X-VI AEC. Contato: elcio.mendonca@hotmail.com.br.

## ARCHAEOLOGY AND HEBREW BIBLE: A STUDY ON THE APIARY FOUND AT THE ARCHAEOLOGICAL SITE OF TEL REḤOV

### ABSTRACT

The biblical expression "land flowing with milk and honey" (cf. Ex 3.8) went on to make a lot of sense from the archaeological discoveries of Amihai Mazar in Tel Reḥov. In this tel, several evidences were found of the monarchy period, like: jars, pottery shards, cultic material, remains of buildings and a large apiary. This article aims to make an analysis of what was found on this site, specifically the ninth century BCE, and mainly the production of honey in Tel Reḥov. The discovery of this apiary opened the field of research on the production of honey in Canaan in the Israeli period, showing that it may have influenced aspects of the tradition of the Northern Israel Exodus. There is strong evidence that the Omride dynasty has dominated Tel Reḥov and the great honey production, for domestic consumption and for export during the first half of ninth century BCE.

**Keywords:** Tel Reḥov; Archaeology; Bible.

## ARQUEOLOGÍA Y BIBLIA HEBRAICA: UN ESTUDIO SOBRE EL APIARIO ENCONTRADO EN EL SITIO ARQUEOLÓGICO DE TEL REḤOV

### RESUMEN

La expresión bíblica "tierra que mana leche y miel" (cf. Ex 3.8) pasó a tener mucho sentido a partir de los descubrimientos arqueológicos de Amihai Mazar en Tel Reḥov. En ese tel fueron encontradas varias evidencias del período de la monarquía israelí, como: jarros, pedazos de cerámica, material cúlctico, restos de construcciones y un gran apiario. Este artículo pretende hacer un análisis de lo que fue encontrado en este sitio, específicamente del siglo IX AEC, y principalmente la producción de miel en Tel Reḥov. El descubrimiento de este apiario abrió el campo de investigación sobre la producción de miel en Canaán en el período israelí, mostrando que él pudo haber influido incluso aspectos de la tradición del Éxodo originaria de Israel Norte. Hay fuertes indicios que la dinastía omrida dominó Tel Reḥov y la gran producción de miel, para el consumo interno y para la exportación durante la primera mitad del siglo IX AEC.

**Palabras clave:** Tel Reḥov; Arqueología; Biblia.

## INTRODUÇÃO

No hebraico moderno ou hebraico israelense o vocábulo Rehov רְחוֹב (*rəḥôḇ*) adquiriu em si o sentido básico de “rua” ou “avenida” (PROLOG, s/d: 289; BEREZIN, 1995: 599). No hebraico bíblico, o substantivo *Rehov* רְחוֹב (*rəḥôḇ*) deriva do verbo *raḥav* רָחַב (*raḥāb*, “alargar”, “ampliar” ou “dar espaço”), assumindo o sentido, segundo Alonso-Schökel (1997, p. 613-614), de praça, esplanada, rua ou largo. O vocábulo também pode ser um termo técnico para se referir ao âmbito da arquitetura municipal (BOTTERWECK, 2004, p. 427-437). Para Holladay (2013, p. 479) e Davidson (2018, p. 982), além do sentido básico de “rua”, o vocábulo também carrega o sentido de “praça pública”, “centro da cidade ou da aldeia” ou “mercado”. No ugarítico *rḥbt* e no egípcio *rḥb* *Rehov* pode significar “um largo”, ou num sentido mais restrito “um tipo de recipiente” (BOTTERWECK, 2004: 427).

O nome talvez faça referência à localização da colina, um entroncamento de duas importantes rotas comerciais, a rota norte-sul no Vale do Jordão, e a rota Leste-Oeste, no Vale de Jezreel e Vale do Jarmuque. Também é possível que o termo *Rehov* faça referência aos festivais cúlticos do mel quando a cidade se tornava uma praça de evento, um largo, para a promoção da religiosidade e do comércio local de mel e cera de abelha. Uma vez que a cidade se tornava ponto de parada comercial para as caravanas e viajantes vindos do Egito e da Arábia, indo na direção de Damasco, da Mesopotâmia ou da Ásia, onde podiam comercializar e prestar culto às suas divindades.

O vocábulo também aparece no texto bíblico como nome de localidades (Js 19.28,30) e nome de pessoas (2Sm 8.3). *Rehov* ocorre 207 vezes na Bíblia Hebraica, em trinta e nove formas diferentes e em vários sentidos conforme seu contexto. Apesar de tamanha ocorrência na Bíblia não se tem certeza e qual das ocorrências faz referência direta ao Tel Rehov תֵּל רְחוֹב (*tēl rəḥôḇ*) estudado aqui.

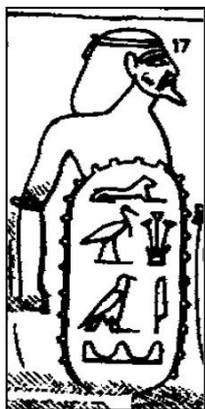
O sítio arqueológico de Tel Rehov, cujo nome árabe atual é *Tell es-Sarem*, possui uma área de dez hectares e está localizado a seis quilômetros a oeste do rio Jordão, a cinco quilômetros ao sul de Beth-Shean, na entrada do vale de Jezreel e a dois quilômetros e meio do monte Gilboa. *Rehov* aparece na lista das cidades conquistadas pelo faraó Sheshonq I (hebraico שִׁשְׁנִי, *šišaq* ou *Sisaeque*. Na LXX Σουσακιμ, *sousakim*), cerca de 960 AEC, o interesse do Egito em *Rehov* se deu devido a sua importância e localização, no entroncamento de rotas comerciais do vale do Jordão e o vale de Jezreel, o qual era considerado pelos egípcios como o “celeiro do Egito” (FINKELSTEIN, 2011: 231-232).

Tal interesse egípcio em Tel Rehov pode ser notado através da sequência ocupacional da cidade. Na campanha de Sheshonq I em Canaan, em meados do séc. X AEC mostra que o Egito avançou desde o deserto do Negueb subindo pela Sefelá judaíta e atacando diversas cidades, conforme estão mencionadas nas inscrições do templo de Karnak. Segundo Mazar, há evidências de destruições em várias cidades deste período (séc. X AEC), como: Tamna (Tel Batash, estrato IV), Gezer (estrato VIII), Tel el-Mazar, Tell el-Hama, Tell el Sa’idiyeh, Megiddo (estratos IVB-VA), Tell Abu Hawân (estrato III), Tel Mevorakh (estrato VII), Tel Michal e Tell Qasile (estrato VIII). Porém, Sheshonq I não destruiu Megiddo por completo, só parte dela, e ali erigiu uma estela em homenagem a esta vitória, porém, não há registros de destruição em Tel Rehov durante o séc. X AEC (MAZAR, 2003: 385; HARRISON, 1984: xix, xx, 12), o que indica que as cidades do Vale de Jezreel interessavam aos egípcios, incluindo o vale, por sua fertilidade para a agricultura e produção de mel, no caso de *Rehov*.

O *tel* (תֵּל) possui uma geografia e topografia privilegiadas, pois não é muito alto e está rodeado por terras planas e férteis do vale do Jordão e de Jezreel (MAZAR, 2013: 221). Por estar na entrada do Vale de Jezreel e a seis quilômetros oeste do rio Jordão, do alto do tel pode-se ver, olhando para o leste, as montanhas da atual Jordânia, além do rio

Jordão. Estas são as montanhas que no período do Ferro I e II eram conhecidas como as montanhas de Gileade, e no alto destas montanhas, o planalto de Gileade, que foi domínio israelita no período dos reis da dinastia omrida.

**Figura 1** - Imagem e inscrição hieroglífica do Templo de Karnak. Esta é a referência 17 à cidade de Roob (Rehov) conquistada pelo Egito. Junto a esta epígrafe, há uma série de outras inscrições.



Rehov, nº17. Templo de Karnak.  
(HUGHES et al, 1954, Plate 4)



Rehov, nº17. Templo de Karnak.  
<http://dlib.etc.ucla.edu/projects/Karnak/resource/BubastitePortal/1524>. Acesso em 30/12/2016.

Várias fontes canaanitas e egípcias da Idade do Bronze parecem citar Rehov (*rḥb*), incluindo as cartas de Taanac, escritas em cuneiforme no séc. XV AEC, e a primeira estela do faraó Seti I, datada do séc. XIII AEC encontrada em Beth-Shean, onde aparece na lista de cidades conquistadas pelo faraó Seti I, a cidade ocorre com o nome de *Roob*. Rehov também é citada nas listas de cidades conquistadas pelo faraó egípcio Sheshonq I (cidade número 17) em 926 AEC, inscritas no portão de Bubastite no templo de Karnak, com o nome *Rwh'b'* (MAZAR, 2011: 221; TAL, 2015: 49; BEN TOR, 2016: 74-76; BREASTED, 1906: 350; KAEFER, 2016: 39; PRITCHARD, 1969: 243, 253-255; FINKELSTEIN, 2015: 99-100).

A identificação de Tel Rehov com a cidade que aparece nos registros egípcios, deu-se em 1920 por F. Abel e posteriormente por W. Albright. Inicialmente foram analisados tabletes no arquivo de Akhenaten (séc. XIV AEC), em el-Amarna (EA249 e EA250, cf. SCHNIEDEWIND, 2015: 1565-1567). Em um destes tabletes havia um nome de cidade que estava localizada nas proximidades de Beit-Shean, um centro administrativo egípcio. Rehov também aparecia em outras duas inscrições, as quais a apresentavam como uma cidade-estado. Ela também aparece em inscrições egípcias em que é elogiada por sua conduta administrativa para com o Egito. Outro aspecto utilizado para a identificação, foi a preservação do nome em inscrições árabes islâmicas que citam a região onde está localizado o *tel*, como *es-Sheikh er-Rihab*, onde havia uma tumba islâmica nas proximidades do vale de Beit-Shean (ZIFFER, 2015: 12c-13c, 17-19).

A forma *Roob* é o modo como Rehov aparece na *Bíblia de Jerusalém*, certamente, influenciada pela LXX, que transcreve o nome hebraico Rehov (רְהוֹב, *rəḥôb*) como *Roōb* (Ροωβ), ou pela Vulgata, que transcreve como *Roob*. A *Bíblia Almeida Revista e Atualizada* (ARA), a *Almeida Revista e Corrigida* (ARC) e o *Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português* (ATI) transcrevem Rehov como *Reobe*, optando por aporportuguesar o nome hebraico.

A cidade tem um longo histórico de ocupação desde a Idade do Bronze Antigo III, aproximadamente 2300 AEC (FINKELSTEIN, 2015: 30; MAZAR, 2007: 203). Esta

ocupação se deu basicamente em duas partes: a parte alta, com cerca de vinte metros de altura e a parte baixa, com cerca de oito metros de altura. Na parte alta é possível ver restos de fortificações do período do Bronze Antigo, na área H. Segundo Mazar (2011: 222), a ocupação populacional em Tel Rehov na Idade do Bronze foi excepcional, pois neste mesmo período várias outras cidades foram abandonadas na transição entre a Idade do bronze Médio e Tardio, isto pode ser percebido em toda região do Antigo Oriente Próximo (FINKELSTEIN. 2015: 31-42).

Não se sabe, até o momento, se o nome Rehov que aparece nos textos do Antigo Testamento se refere ao atual sítio de Tel Rehov, apesar de haver evidências suficientes para isso. Isto é curioso, porque a cidade possui um histórico de ocupação quase contínua desde a Idade do Bronze Médio (2000 a 1550 AEC) até o período islâmico e medieval, e mesmo tendo essa importância, não tenha sido citada nos textos bíblicos. Apesar disso, há um forte indício que liga Tel Rehov à história bíblica do período da monarquia de Israel Norte: a inscrição *nmš*.

Esta inscrição *nmš*, foi encontrada num jarro de cerâmica, próxima ao colarinho, escrita com letras paleohebraicas. O jarro com a inscrição foi encontrado *in loco* dentro do apiário, na área C estrato V (MAZAR; AHITUV, 2014: 193). A palavra *nmš* inscrita no jarro, é o nome do pai ou avô de Jeú, chamado Nimsi (נִמְשִׁי, *niməši*), conforme aparece grafado nos textos da Bíblia Hebraica, por exemplo 1Rs 19.16, 2Rs 9.2, 14, 20 e 2Cr 22.7 (MAZAR, 2003, <http://www.Rehov.org/Rehov/Results.htm>; KAEFER, 2016: 39-48; MAZAR & AHITUV, 2011: 302; LIVERANI, 2008: 163; ZIFFER, 2016: 90).

A mesma palavra (*nmš*) aparece inscrita em jarros de cerâmica em outros dois sítios arqueológicos do Norte de Israel e nas proximidades de Tel Rehov, que são Tel 'Amal (תל עמל, *tl 'ml*) e Samaria (atual *Sebastia*). É possível perceber epigraficamente que a grafia das três inscrições é idêntica e todas são de meados do IX e início do séc. VIII AEC. A inscrição *nmš* foi encontrada em Tel 'Amal (estratos IV e III), Samaria (óstraco 56) e Tel Rehov (estrato V).

**Figura 2** - Epigrafia Norte Israelita. Inscrições em cerâmica do nome Nimsi, o mesmo nome do avô/pai de Jeú, rei de Israel Norte do final do séc. IX AEC.



O estilo de letra utilizado nestas três epígrafes é idêntico, levando em conta sua datação e estratigrafia parecidas. Segundo Naveh, em sua obra *The Origins of the Alphabets: introduction to Archaeology* (s/d: 64-65,68), este estilo de grafia pode ser datado entre o final do séc. X e primeira metade do séc. IX AEC. Este tipo de hebraico também é parecido com o da estela de Mesha e com o aramaico da estela de Tel Dan, ambas datadas do séc. IX AEC. Isto indica que havia uma escrita comum em Damasco e na Transjordânia, bem como no território de Israel Norte durante o séc. IX AEC, período do governo dos reis da dinastia omrida.

Tel 'Amal é um sítio arqueológico localizado a cerca 6 km a noroeste de Tel Rehov, e a 4,5 km de Beit-Shean. Faz parte do vale de Beit-Shean, na entrada do vale de Jezreel. O *tel* teve cinco temporadas de escavação (entre 1962-1966) e outras temporadas em 1972, 1983 a 1985 e em 1993, dirigidas por Levy e Eldestein. Neste sítio foram desenterrados restos de edifícios e de um armazém do mesmo estrato dos armazéns de

Megiddo IV e V, bem como muitos cacos de cerâmica e jarros com marcações e inscrições com caracteres paleohebraicos (FEIG, s/d: 1-2; DAVIES *et al*, 2004: 115; SHAMIR, s/d: 9). Entre estas inscrições está *lnmš* (*lenimši*, “para Nimsi”), o nome do pai ou avô de Jeú, cujas epigrafia coincide com a de Tel Rehov e a do óstraco 56 de Samaria. Então temos pelo menos três cidades com inscrições idênticas e com o mesmo nome “Nimsi”. Isto pode indicar que a família de Jeú era importante, talvez com um governo regional ou uma importante expressão comercial durante o reinado dos omridas, daí o nome *nmš* (*nimši*, “Nimsi”), inscrito num dos óstracos de Samaria e nos jarros de cerâmica de Tel 'Amal e de Tel Rehov, tendo sido Jeú, um dos generais dos carros de guerra do exército de Israel Norte em meados do séc. IX AEC (conforme 2Rs 9.5).

Os óstracos de modo geral, e neste caso o de Samaria, eram pequenas correspondências ou registros de negociações, compra ou venda de produtos, como vinho e azeite. Normalmente aparece a inscrição l+nome, que indica, segundo Frank M. Cross e Ivan Kaufman, seguindo o pensamento de Yigael Yadin, que os óstracos de Samaria funcionaram como um sistema de contabilidade, registrando o recebimento de vinho e azeite que foram entregues à cidade real de Samaria. Eles ainda consideram que o nome pessoal que aparece inscrito nos óstracos refere-se ao nome da pessoa que enviou a mercadoria para a capital (KAUFMAN, 1997: 468-469). No caso do óstraco 56, o nome que aparece é *lnmš* (*lenimši*, “para Nimsi” ou “de Nimsi”), indicando que a mercadoria (não se sabe qual), foi enviada por Nimsi, o pai ou avô de Jeú. É possível que ele tenha enviado as mercadorias a partir das cidades de Tel Rehov e Tel 'Amal, e tenha enviado não somente vinho e azeite, mas possivelmente mel.

Há outra inscrição encontrada no sítio que também faz referência ao nome Nimsi. Tal epigrafia foi feita num jarro “hippo” de cerâmica, na área CF, estrato IV, séc. IX AEC. A palavra inscrita no jarro é: *lšqynmš* (לשקינמש, “para o oficial de Nimsi”). A palavra na verdade é uma frase, que contém a palavra *šqy* (*shaqay*), que pode ser traduzida literalmente como “mordomo de” ou “copeiro de”, que trabalhava ao lado das elites da cidade e era funcionário de Nimsi, pois a frase *lšqynmš* pode ser traduzida como “para o copeiro de Nimsi”, “para o mordomo de Nimsi” ou “para o oficial de Nimsi”. Ou pode ser traduzida entendendo o *l* (ל) como genitivo, desta forma: “do copeiro de Nimsi”, “do mordomo de Nimsi” ou “do oficial de Nimsi” (ZIFFER, 2016: 91).

Estas duas epigrafias contendo o nome de Nimsi, pai ou avô de Jeú, fortalece a ideia de que a família de Nimsi fazia parte da elite da região, uma família ligada às atividades comerciais, já que a primeira inscrição fora encontrada dentro do apiário. Nimsi comercializava na região dos vales de Jezreel e de Beit-Shean, bem como com a capital real, Samaria, durante o séc. IX AEC.

## HISTÓRICO DAS ESCAVAÇÕES EM TEL REHOV

O sítio de Tel Rehov, como já foi visto anteriormente, foi identificado como sendo *Roob* (FINKELSTEIN, 2015: 35-37,50), uma cidade que aparece em textos egípcios (na estela do faraó Seti I e na lista das cidades conquistadas pelo faraó Sheshonq I), por F. Abel, em 1920. A identificação parece ter se dado pela semelhança entre os nomes e pela proximidade com a citação de Beit-Shean (MAZAR, [http://www.rehov.org/Rehov/Results.htm#The Excavations](http://www.rehov.org/Rehov/Results.htm#The%20Excavations)). Durante a nona temporada de escavação em Beit-Shean, a equipe decidiu expandir o projeto para o vale de Beit-Shean, indo na direção de Tel Rehov. Em 1979, o sítio foi escavado por O. Yoyev, financiado pelo *Israel Antiquities Authority* (IAA), que escavou o período intermediário entre a Idade do Bronze Antigo III e o Bronze Médio. A intensão era explorar a colina, principalmente do período da monarquia israelita, na Idade do Ferro II. Com a expansão

do projeto arqueológico do Vale de Beit-Shean, foram iniciadas as escavações em Tel Rehov, as quais duraram até a temporada de 2012 (ZIFFER, 2016: 15c).

Depois, em 2002, outra temporada de escavação foi realizada no sítio, e desta vez, financiada pela Universidade Hebraica de Jerusalém em parceria com a *Israel Antiquities Authority* (IAA). As temporadas de escavação mais recentes foram dirigidas pelo arqueólogo Amihai Mazar, da Universidade Hebraica de Jerusalém, no Monte Scopus, entre os anos 1997 e 2008, sendo que as primeiras seis temporadas aconteceram entre 1997 e 2003, e o restante, as outras três temporadas, aconteceram entre 2003 e 2008 (MAZAR, 2003, <http://www.Rehov.org/Rehov/Results.htm>; MAZAR, 2007: 203).

Com relação à estratigrafia do sítio, foram identificados pelo menos sete estratos (ou níveis) de ocupação (VII-I), dois nas áreas A, B e H, na parte alta, e cinco nas áreas C, D, E, F e G, na parte baixa. As áreas mais estudadas em Tel Rehov são seis (B-G), e envolvem três estratos bem definidos (VI, V, IV), os quais pertencem à Idade do Ferro IIA (1000 – 925 AEC). Nove temporadas, no total, aconteceram entre 1997 e 2008, dirigidas por Amihai Mazar, as quais evidenciaram largamente a ocupação do *tel* durante praticamente todo o séc. IX AEC, época do governo dos reis da dinastia omrida (Omri, Acab, Acazias, Jorão e Atalia) sobre Israel Norte (MAZAR, 2003, <http://www.Rehov.org/Rehov/index.htm>).

As equipes de Mazar deram preferência em escavar somente a Idade do Ferro I e II, onde se encontra o período da monarquia israelita, principalmente, na busca por evidências da grande monarquia unida de Davi e Salomão, séc. X AEC (MAZAR, 2003, <http://www.rehov.org/Rehov/Results.htm#The Excavations>). Mazar menciona em seu relatório de escavação que Rehov teria pertencido à dinastia omrida durante o séc. IX AEC. O que se sabe é que, conforme os relatórios de Mazar, o apiário fora datado do séc. IX AEC e está localizado no estrato V. Isto quer dizer que ou o apiário é obra do séc. IX AEC ou ele foi reconstruído nessa época pelos reis da dinastia omrida, e destruído logo após a queda desta dinastia (MAZAR & PANITZ-COHEN, 2007: 202-204)<sup>1</sup>. O fato é que, ao que parece, as evidências indicam que a primeira metade do séc. IX AEC foi o período de maior produtividade do apiário, talvez por causa do investimento dos omridas e do trabalho da família de Nimsi.

#### O QUE FOI ACHADO EM TEL REHOV?

É perceptível que houve algumas mudanças no *layout* da cidade, principalmente, entre os estratos V e IV (séc. IX AEC), porque uma muralha de casamata foi erguida em redor, transformando a cidade numa fortaleza. Isto talvez devido à presença egípcia do séc. X AEC ou, especificamente, para proteger o apiário, fonte de riqueza da cidade. É possível perceber que no séc. IX AEC a cidade passou por uma reestruturação de defesa, tendo sido construídos muros para sua proteção. Também, foram desenterrados vestígios de edifícios dentro dos limites da muralha, com quartos, um grande salão e cozinha. Há vários indícios de incêndio nestes estratos, indicando que a cidade teria sido atacada e incendiada, possivelmente na revolta de Jeú, sob o domínio de Hazael de Damasco.

Grande quantidade de cerâmica foi encontrada em Tel Rehov o que ajudou na compreensão do ambiente cultural e ligações comerciais da cidade entre o séc. X e IX AEC. As cerâmicas encontradas nos três estratos (VI, V e IV), de acordo com Mazar são muito semelhantes. Os desenhos geométricos e a pintura vermelha são característicos destas camadas. Existem paralelos para comparação da cerâmica de Tel Rehov, entre eles,

---

<sup>1</sup> Veja: MAZAR, 2003, <http://www.rehov.org/Rehov/Results.htm#The Excavations>.

os mais importantes são: Megiddo (estratos VB e VA-IVB), Taanac (estratos IIA e IIB), Horvat Rosh Zayit (estratos III e II), Tel ‘Amal (estrato IV-III), Tell el-Hammah e Tel Jezreel, todos sítios localizados na região dos vales de Beit-Shean e de Jezreel. Todos estes paralelos são do séc. IX AEC, do período da dinastia omrida e posterior. Também foram encontrados, nos estratos V e IV, cacos de cerâmica importada da Fenícia, Chipre e poucos cacos de cerâmica grega (MAZAR, 2003, <http://www.Rehov.org/Rehov/Results.htm>; MAZAR [hebraico], 2003: 147-148).

Um santuário foi desenterrado na área E, no lado leste do *tel*, voltado para as montanhas da Jordânia (antigas montanhas de Gileade). Neste santuário foram encontrados vários cômodos, quartos e salas, e um grande pátio aberto. Neste pátio haviam bancos, potes de barro e um forno. Voltado para o sul, havia um salão principal com salas nas laterais. Numa destas salas, foram encontradas paredes revestidas com gesso, decoradas com flores de lótus e botões de flores e jarros em estilo fenício. No lado nordeste do santuário foi encontrada uma plataforma feita com tijolos de barro, e sobre ela foram encontradas três *maššebot* (pedras erguidas verticalmente com finalidade cültica), uma pedra grande e lisa que funcionava, possivelmente, como uma mesa para oferendas e altares de cerâmica com quatro chifres, todos estes itens pertenciam ao santuário o qual Mazar chamou de *bāmāh* (lugar alto), do séc. IX AEC, Idade do Ferro IIA. (MAZAR, 2003, <http://www.Rehov.org/Rehov/Results.htm>). Porém, não há consenso se de fato era uma *bāmāh* (lugar alto), por isso, o mais adequado seria identificá-lo como um santuário israelita.

Todos esses utensílios encontrados no santuário, as flores de lótus, os botões de flores, as *maššebot* e altares de cerâmica com quatro chifres, indicam que em Tel Rehov havia um estruturado culto de fertilidade estabelecido. As flores de lótus, segundo Staubli (2016: 84-87), são representações de culto de fertilidade, e apresentam um contexto erótico de culto. Selos com figuras humanas dançando foram encontrados na área C, a mesma do apiário. Tais selos podem representar uma festividade, talvez a festividade do mel, para promover o culto e o comércio nessa cidade que é entroncamento de importantes rotas comerciais, tanto para Damasco, como para a Fenícia, ou para o Líbano e Egito.

Reforçando essa ideia de culto de fertilidade, diversas estatuetas de divindades femininas nuas foram encontradas no sítio. Um pequeno altar moldado com barro, encontrado junto ao altar de tijolos, contendo duas divindades nuas uma ao lado da outra, e sobre elas, nas bordas do altar, desenhos de triângulos, semelhantes ao que foi encontrado em Pella (atual *Tabqat Fahel*), cidade localizada a sete quilômetros de Rehov, no lado leste do Jordão, no vale do rio Jarmuque (atual *Wadi Jirm Al Mooz*), norte da Jordânia. (ZIFFER, 2016: 51). Outros dois altares “edifício” do estrato IV feitos de barro foram encontrados no complexo do santuário, ornamentados com motivos de plantas e cordas, com duas fileiras triângulos vazados no corpo do altar. Junto aos dois altares, perto da porta de entrada da sala do santuário, foi encontrado um óstraco inscrito [ ]lyš’ (אֵלִישָׁא, *’ēlišā’*, Eliseu), o que pode indicar um culto javista em Rehov (ZIFFER, 2016: 92). Mas essa estrutura complexa de templo, com várias salas e altares, parecida com a do templo de Atarote (Khirbet Ataruz), na Jordânia, pode indicar a existência de cultos dedicados a um panteão de divindades, por isso as diversas salas e altares presentes (ZIFFER, 2016: 51, 56-58).

Na área C estrato IV que compreende o apiário, foram encontradas várias estatuetas de divindades femininas, algumas inteiras outras somente partes ou só as cabeças. Uma delas parece estar agachada ou agachando-se, em sinal de prostração, reverência. Outras estatuetas eram possivelmente originárias da Fenícia e do Chipre, por causa do seu estilo e formato. Muitos amuletos de divindades egípcias também foram encontrados em Tel

Rehov, como amuletos do deus *Ptah*, *Isis-Hathor* entronizada com Hórus no seu colo, e na sua testa há fragmentos de um *Uraeus*. Também foram encontrados amuletos estampados com o *Olho de Hórus*, para proteção durante a vida e no pós-vida. Todas estas peças foram encontradas na área CA, no estrato VI. (ZIFFER, 2016: 87-88)

Vários selos foram encontrados no sítio, muitos deles, com figuras de animais, principalmente, de cavalos e touros, todos do estrato IV, séc. IX AEC. Um destes selos, foi encontrado numa alça de jarro, e é de um tipo de selo conhecido, até agora, somente em Tel Rehov e Beth-Shean, que mostram figuras humanas (divindades antropomórficas) estilizadas caminhando sobre montanhas, tais figuras são, possivelmente, a divindade 'el (ZIFFER, 2016: 94-95, 97-98).

A quantidade de materiais, cerâmicas, objetos de culto e altares, mostra que Tel Rehov era uma cidade dinâmica e com fortes ligações comerciais, já que cerâmicas de outras localidades, bem como altares similares aos encontrados na Transjordânia, foram encontrados no sítio. Também foram encontrados vários esqueletos decapitados, o que segundo Ziffer (2016: 145-146), pode ser um testemunho da presença assíria no séc. VIII AEC. Achados de épocas posteriores também foram encontrados, como do período helênico e dos primeiros séculos da era cristã.

#### TERRA QUE MANA MEL – O APIÁRIO DE TEL REHOV

Entre todos os achados de Tel Rehov um chamou a atenção dos arqueológicos e pesquisadores, o apiário. Desenterrado em 2005 pela equipe de Mazar, este achado surpreendeu a todos. Segundo consta nos relatórios desta expedição, a equipe de Mazar estava cavando um muro feito de adobe (tijolos feitos com uma mistura de argila, areia e palha), quando se deparou com os cilindros também feitos de adobe, onde eram criadas as abelhas e produzido o mel.

A equipe estava escavando na área C, extremo norte do sítio, na parte baixa da colina. Nesta região do sítio estão as escavações das áreas C e D, iniciadas em 1997. O apiário foi encontrado na área C-1b (estrato V) durante as escavações da temporada de 2005, dirigida por Amihai Mazar, onde foram encontradas as primeiras oito colmeias. O restante do apiário foi escavado dois anos depois, na temporada de 2007 (MAZAR; PANITZ-COHEN, 2007: 204-205).

O apiário foi encontrado no estrato V e foi datado do séc. IX AEC, no período da dinastia omrída e pós omrída, no domínio arameu (MAZAR; PANITZ-COHEN, 2007: 204). Isto mostra a importância comercial da região, pois a cidade está numa localização estratégica do ponto de vista comercial, importantes rotas passavam pelo Vale do Jordão e pelo Vale de Jezreel, bem como as rotas que passavam por Pella, na Transjordânia, e que seguiam para a Estrada do Rei, na direção de Damasco. Também as rotas que ligavam Rehov à Estrada do Mar (*Via Maris*), que passava na região do Monte Carmelo, vinda do Egito e seguindo para a Fenícia e localidades mais a norte, como norte da Síria e atual Turquia.

Na expedição de 2007 a equipe de Mazar desenterrou dezessete colmeias. Tais colmeias tinham o formato cilíndrico com quatro centímetros de espessura, e em sua composição havia grande quantidade de palha e esterco animal. Todas as colmeias eram do mesmo tamanho, medindo 80 cm de comprimento e cerca de 40 cm de diâmetro, e a capacidade de cada uma era de cinquenta e seis litros de mel. Nas colmeias mais bem preservadas, foi observado que numa extremidade o cilindro está fechado com argila e tem um pequeno orifício, por onde as abelhas entravam e saíam. Na outra extremidade o cilindro era aberto, e possuía uma tampa removível, por esta extremidade era retirado o mel e feita a manutenção das colmeias. Pelo menos quatro destas tampas foram

encontradas *in situ* nesta área (MAZAR & PANITZ-COHEN, 2007: 205; KAEFER, 2016: 43).

**Figura 3** – O Apiário do séc. IX AEC. Foto das colmeias com as tampas durante as escavações em Tel Rehov.



Detalhe das colmeias cilíndricas com a tampa, do apiário desenterrado em Tel Rehov, datado do séc. IX AEC (Foto: MAZAR, 2007, p. 206).

Uma destruição violenta aconteceu em Rehov, em torno do ano 830 AEC, um incêndio destruiu também as colmeias e deixou quase um metro de espessura de entulhos queimados, cinzas e tijolos caídos. O peso desse entulho pressionou as colmeias, que cederam. A maior parte das colmeias foi amassada e quebrada, outras ficaram no formato ovalado. Somente as colmeias que estavam localizadas nas fileiras de baixo conseguiram se manter, de certa forma, preservadas. É possível que tal destruição tenha acontecido durante a revolta de Jeú, financiada por Hazael, rei de Damasco, que exterminou a dinastia omrida do poder de Israel Norte.

Foram desenterradas durante esta expedição de 2007 três grandes fileiras de colmeias, as fileiras superiores estavam muito destruídas e só as da parte de baixo ficaram melhor preservadas. No nível mais baixo foram encontradas vinte e cinco colmeias, as quais formam uma grande fileira. Há evidências da existência de pelo menos três níveis de colmeias, o que dá um total de setenta e cinco colmeias em cada fileira. Segundo Mazar, é possível que haja mais fileiras de colmeias que ainda não foram desenterradas (MAZAR; PANITZ-COHEN, 2007: 207).

**Figura 4** – O Apiário do séc. IX AEC, Estrato V. Vista geral do apiário já limpo durante a temporada de escavação.



Apiário desenterrado em Tel Rehov, na área C-1b, estrato V, datado do séc. IX AEC  
(Foto: MAZAR, 2007, p. 204).

Na foto, é possível ver as três fileiras de colmeias que foram desenterradas, duas delas incompletas. Cada fileira formava uma parede de colmeias com pelo menos três níveis de altura, e é possível que ainda haja colmeias enterradas nesta área C. Mazar faz uma estimativa da produção de mel em Rehov baseado em especialistas em apicultura e em exemplos comparados de etnografia. Segundo esta estimativa, cada colmeia cilíndrica era capaz de produzir em torno de três a cinco quilos de mel por ano, dependendo do florescimento anual, dos métodos utilizados e da manutenção das colmeias (MAZAR; PANITZ-COHEN, 2007: 211).

Levando em conta o número de colmeias que pode ser reconstruído, conforme o que foi desenterrado até agora, pode-se fazer o cálculo total da produção de mel anual a partir de um número de cem colmeias. Desta forma, a produção anual em Rehov no Ferro II estava em torno de mais de meia tonelada de mel. Além da produção de mel também havia a produção de cera nas colmeias. Cada colmeia produzia em torno de 0,5 e 0,7 kg de cera por ano. Tomando por base a mesma quantidade de cem colmeias, teremos um total anual de cerca de 50 a 70 kg de cera de abelha. Isto seria o resultado da criação de cerca de quinze mil abelhas (MAZAR & PANITZ-COHEN, 2007: 211-212; KAEFER, 2016: 43-44).

**Figura 5** – A Colmeia de Tel Rehov. Foto tirada no Museu da Terra de Israel, em Tel Aviv.



Colmeia cilíndrica feita de adobe encontrada em Tel Rehov. Foram encontradas vinte e cinco colmeias no sítio. A estimativa é que tivesse um total de 225 colmeias como esta no sítio.

Estes números, obviamente, não representam um consumo individual ou familiar, mas uma produção em escala comercial. Esta era uma das maiores produções de mel da região, o que chamava a atenção dos reinos vizinhos e a cobiça das potências regionais da época. Um apiário de tamanhas proporções necessita de um forte centro de poder para planejá-lo e conduzi-lo no meio de uma cidade densamente povoada (MAZAR & PANITZ-COHEN, 2007: 211-212). Rehov, sem dúvidas, era uma grande produtora de mel e cera do séc. IX AEC e estava numa localização estratégica, um entroncamento de importantes estradas comerciais internacionais que ligavam Rehov à Fenícia, Damasco, Egito e outros territórios vizinhos importantes comercialmente.

O mel era utilizado na antiguidade com vários objetivos, poderia ser usado como adoçante, como pomada para feridas, na preparação de medicamentos e para rituais religiosos. Isto ampliava a procura pelo produto, o que fazia do apiário um grande negócio local, regional e internacional.

É bastante compreensível que os reis da dinastia omrida tenham dominado Rehov na primeira metade do séc. IX AEC, já que eles levaram o Estado de Israel Norte para um patamar de potência regional com importância internacional. O domínio das principais rotas comerciais como a Estrada do Mar (*Via Maris*) e a Estrada do Rei (*Via Régia*), proporcionou aos reis omridas o controle comercial das mercadorias que transitavam entre o norte da África e a Mesopotâmia, como o cobre e especiarias.

A produção de mel pode ter sido uma importante parcela comercial de Israel Norte, especialmente por causa do casamento de Acab com Jezabel, a princesa fenícia. Com este casamento as ligações comerciais com a Fenícia se estreitaram e Israel Norte pôde entrar no lucrativo comércio marítimo dominado pela Fenícia. Isto é demonstrado pela quantidade de jarros de cerâmica em estilo fenício encontrados no sítio. Sabe-se que no antigo Egito o mel era um produto raro e importante, que servia para várias ocasiões e ofícios. Os egípcios o utilizavam tanto como adoçante como para presentear suas

divindades. O mel também era utilizado no processo de mumificação e para o tratamento e a cura de doenças.

Na história de Sinuhe, uma narrativa egípcia clássica, embora não haja consenso se é um texto ficcional ou não, parte dos egiptólogos concordam que a história tenha uma narrativa central que possui credibilidade histórica. A narrativa é, portanto, um relato fictício com toques na realidade histórica do Egito e Canaan, considerada um clássico popular egípcio por sua qualidade, composição, estilo e língua. Seu papiro mais antigo é o Papyrus B (Berlin 3022), que é datado de 1900 AEC, Idade do Bronze Médio, que foi a época da XII dinastia egípcia. Este texto foi muito popular durante a XII e XX dinastia, tendo sido produzidas muitas cópias em papiros e óstracos (PEREIRA, 2001: 86-87; LEFEBVRE, 2003: 33; PRITCHARD, 1969: 18-19; SIMPSON, 2003: 58).

Na narrativa Sinuhe conta suas aventuras durante o longo percurso de sua viagem para a Ásia. Ele traz informações importantes e históricas que são significativas para a compreensão do território da Canaan, bem como sua produção e comércio. Ele fala de muitos tipos de árvores frutíferas, grandes quantidades de azeite e de abundância de mel. Ele também menciona trigo e leite em sua narrativa. Estas narrativas informam que na região de Canaan em direção a Ásia eram férteis e com abundância de mel e azeite, esta é uma informação bem significativa (PEREIRA, 2001: 85-86; PRITCHARD, 1969: 19).

O mel era uma comercialmente importante, pois era consumido de várias formas e utilizado para diversas finalidades. No Egito, o mel era oferecido em festivais cômicos em sacrifício para o deus *Hâp*, o touro sagrado, conhecido dos gregos pelo nome *Ápis*, nome pelo qual se tornou mais popular. O sacrifício ou oferenda consistia num bolo de farinha de trigo misturada com mel (BUDGE, 1904: 347). Uma mistura de mel e leite também era utilizada como oferenda ao crocodilo, chamado pelos egípcios de *Sebek* ou *Sebeq*. Tal oferenda era colocada na boca do crocodilo por um grupo de sacerdotes desta divindade (BUDGE, 1904: 355).

Em Ugarit (RS 24.643) o mel estava relacionado com os sacrifícios às divindades do panteão. Entre os sacrifícios de touros e carneiros, havia também a oferta de mel nos festivais cômicos do solstício de inverno (PARDEE, 2002: 44-48; BORDREUIL; PARDEE, 2009: 210-212). O mel, em Ugarit, transcrito como *nbt*, expressa o sentido de fertilidade, ao lado do azeite e do vinho, que carregam o mesmo sentido metafórico nos rituais cômicos, portanto, o mel era utilizado em Ugarit como um sacrifício ou oferenda pela fertilidade (WATSON; WYATT, 1999: 186).

Isto reforça a tese da existência de um comércio forte de mel e cera de abelha em Canaan durante a Idade do Bronze Médio e Tardio, bem como durante a Idade do Ferro I e II, que formam a época da monarquia israelita. Essas datações batem com o período de ocupação de Rehov que remonta aos tempos finais do Bronze Antigo III (3050-2300 AEC), época da história de Sinuhe e do auge de Ugarit.

## O APIÁRIO E A BÍBLIA HEBRAICA

Embora não haja referências bíblicas diretas a Rehov estudada neste artigo, temos muitas ocorrências referentes ao mel da terra de Canaã, sendo esta, chamada em vários textos bíblicos como a “terra que mana leite e mel” אֶרֶץ זָבַת חֵלֶב וְדָבָשׁ (*'eres zābat hālāb ûdābāš*). Tal expressão ocorre pelo menos vinte vezes na Bíblia, todas com referência direta ou indireta ao êxodo e à conquista da terra de Canaã<sup>2</sup>. Vejamos alguns textos como exemplo<sup>3</sup>:

<sup>2</sup> A expressão “terra que mana leite e mel” ocorre vinte vezes na Bíblia Hebraica (Ex 3.8; 3.17; 13.5; 33.3; Lv 20.24; Nm 13.27; 14.8; 16.13; 16.14; Dt 6.3; 11.9; 26.9; 27.15; 27.3; 31.20; Js 5.6; Jr 11.5; 32.22; Ez 20.6; 20.15).

<sup>3</sup> Citações da Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1985. Negritos meus.

- Tema do Êxodo (Ex 3.8): *por isso, desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel, o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus.*
- Tema da conquista de Canaã (Js 5.6): *por que os filhos de Israel andaram durante quarenta anos no deserto, até que pereceu toda a nação, os homens de guerra que saíram do Egito; visto que não obedeceram à voz de Iahweh, jurou-lhes Iahweh que não veriam a terra que aos seus pais havia jurado dar-nos, terra que mana leite e mel.*
- Referência ao êxodo (Ez 20.15): *Ainda uma vez jurei de mão levantada para eles, no deserto, que não lhes conduziria para a terra que lhes dera, terra que mana leite e mel – a mais bela entre as nações.*
- Referência ao êxodo (Jr 11.5): *para que confirme o juramento que fiz a vossos pais de dar-lhes uma terra que manasse leite e mel, como se vê neste dia. Então, eu respondi e disse: Amém, ó SENHOR! (Almeida ARA, 2008. Negritos meus)*

É possível que estas referências bíblicas à uma “terra que mana leite e mel” seja uma memória da grande produção de mel do apiário da cidade de Reḥov. Na época da redação e edição final dos textos da história bíblica, principalmente das narrativas da tradição do êxodo e da conquista da terra Reḥov já não existia como cidade nem havia a atividade de apicultura. Mas a memória dos períodos de glória de Reḥov permaneceu, nomeando a terra de Canaã como a “terra que mana leite e mel”, e ainda, como “a mais bela entre as nações”, conforme a tradução da *Bíblia de Jerusalém*, em Ez 20.15.

#### O VOCÁBULO “MEL” (*DEVASH*) NA BÍBLIA HEBRAICA

Como visto no tópico anterior, a expressão bíblica “terra que mana leite e mel” דְּבַשׁ וְחָלָב וְעֵץ זַבֵּת הָאָרֶץ (*'eres zābat ḥālāḥ ûdāḥāš*) ocorre vinte vezes na Bíblia, em sua maioria, nos livros do Pentateuco. Esta é uma informação importante, pois, mostra a relevância da produção de mel na terra de Canaã. Em quase metade das ocorrências, a palavra mel aparece associada com leite חָלָב (*ḥālāḥ*), talvez por causa dos sacrifícios onde mel era misturado com o leite.

O vocábulo “mel” (hebraico דְּבַשׁ, *dāḥāš*; ugarítico *nbt*; acádico *nūbatu*, cf. BORDREUIL; PARDEE, 2009: 334) ocorre cinquenta e quatro vezes na Bíblia Hebraica, vinte delas na expressão “terra que mana leite e mel” como metáfora para a terra de Canaã. Apesar deste grande número de ocorrências, não se sabia ao certo a origem deste mel, que conforme Mazar, até o apiário ter achado de Tel Reḥov acreditava-se que o mel era exclusivamente extraído de frutas, como por exemplo, do figo e das tâmaras (MAZAR, 2007: 213; ZIFFER, 2016: 29c). Da mesma forma, a palavra hebraica para “abelhas” ocorre somente quatro vezes na Bíblia Hebraica, sempre no plural דְּבוֹרִים. A forma singular de דְּבוֹרִים (*dāḥōrīm*) é o vocábulo דְּבוֹרָה (*dāḥōrāh*), que ocorre onze vezes na Bíblia somente como nome próprio feminino “Débora” (MAZAR; PANITZ-COHEN, 2008: 83).

O mel ocorre na Bíblia em vários versículos assumindo sentidos diferentes em cada ocasião. Ele pode aparecer como um presente (Gn 43.11) ou na forma de um bolo (Ex 16.31). Também aparece como um item proibido nas ofertas queimadas (Lv 2.11), como metáfora para riqueza e fartura (Dt 8.6-9) e de diversas outras formas. O mel, como produto de abelhas, aparece explicitamente nos livros de Juízes (Jz 14.8-9) e de 1 Samuel (1Sm 14.25-26).

Em Eclo 36.26-30, Ben Sirach apresenta o mel e o leite como dois dos itens que são necessários para a vida do ser humano, ao lado do azeite, água, fogo, sal e as vestes. Os textos de Gn 43.11, Dt 8.8, 2Rs 18.32 e Ez 16.3, por exemplo, apresentam o mel como um produto produzido na própria da terra de Canaan. Em Ez 27.17 mostra que o mel era,

em certas ocasiões, utilizado como um produto de troca de mercadorias, que no caso deste texto de Ezequiel, a troca era feita com os mercadores de Tiro.

Segundo Rendsburg (2009: 41-42), há outro vocábulo para “mel” utilizado na Bíblia Hebraica, a palavra נֹפֶת (*nōpet*, mel). Este vocábulo ocorre seis vezes no texto bíblico (Js 17.11; Sl 19.11; Pr 5.3; 24.13; 27.7; Ct 4.11). Para ele, essa palavra hebraica para “mel” só ocorre em textos tipicamente nortistas, mas que os dois termos devem ter coexistido, por causa das ocorrências de דַּבְּבָשׁ *dāḇbāš*, também em textos nortistas e em alguns casos, sendo usado junto com נֹפֶת (*nōpet*, mel). Já em textos com hebraico tipicamente judaíta somente דַּבְּבָשׁ *dāḇbāš* é utilizado, com exceção do Sl 19.11.

Holladay traduz o vocábulo נֹפֶת (*nōpet*, mel) como “mel caseiro” (HOLLADAY, 2010: 345). Clines propõe traduzir esta palavra como “mel” ou “favo de mel” (CLINES, 2009: 280). Já o dicionário de Harris (*et al*), propõe a tradução como “mel que escorre” ou “favo de mel” (HARRIS, 1998: 987). Mas nenhum destes autores relacionam o mel como dialeto de um Hebraico do Norte. Talvez porque as pesquisas de Rendsburg sobre os dialetos do hebraico clássico (Nortista e Judaíta), sejam mais recentes que estas obras lexicais citadas neste artigo.

O mel oriundo de Canaã aparece registrado numa lista do faraó Tutmósis III, referente à sua quinta campanha em Canaã, como um dos itens recebidos como tributos vindos das terras de Canaã, onde diz que havia sido trazido de Canaã, entre muitas outras especiarias, algo em torno de 470 jarros de mel (BREASTED, Vol.2, 1906, parágrafo 462). Esse mel era utilizado pelos egípcios como tratamento para várias doenças, como descritas na obra *The Art of Medicine in Ancient Egypt*, de James Allen (2005), do *Metropolitan Museum of Art* da cidade de Nova York. O mel era misturado com leite para o tratamento de infecções e fechamento de feridas (DAVID, 2008: 182-183). No Egito o mel também era utilizado como um dos principais ingredientes no processo de mumificação, porque ele possui grande quantidade de propriedades antibactericidas que ajudam na preservação (AUFDERHEIDE, 2003: 43-50).

Para Mazar, tanto os textos bíblicos quanto as inscrições egípcias da sétima campanha de Tutmósis III em Canaã e da história de Sinuhe (PRITCHARD, 1969: 18-22), que registra a abundância da produção de mel, azeite e frutas, mostram que nesta terra havia grande produção de mel de abelhas, não apenas de mel produzido a partir de frutas (MAZAR, 2007: 214; PRITCHARD, 1969: 19, 239; ZIFFER, 2016: 28c). Vários textos como os já citados Jz 14.8-9 e 1Sm 14.25-26 atestam para isso (MAZAR; PANITZ-COHEN, 2008: 83-84). O que parece, conforme as evidências arqueológicas, é que a produção de mel em Canaã chegou ao seu auge no período da monarquia israelita, entre o séc. IX e VIII AEC. É possível que todas estas referências a grandes quantidades de mel importadas do território de Canaã tenham sido produzidas no apiário de Rehov.

## O APIÁRIO E A RELIGIÃO EM TEL REHOV

Foram encontrados em Tel Rehov, a leste das colmeias, vários utensílios de culto em meio aos escombros soterrados, no mesmo nível do piso do apiário. Era um santuário. Este santuário foi desenterrado na Área E, a leste do apiário, no mesmo nível dele, na parte baixa do *tel*. Tal santuário media 230m<sup>2</sup> e seus muros estavam junto a outras estruturas além do apiário e seu nível foi datado do séc. IX AEC (estratos V e IV), período da dinastia omrida em Israel Norte (ZIFFER, 2016: 37c).

No santuário foram encontradas três pedras (*maššebot*) postas na vertical, uma ao lado da outra, na extremidade sul de uma plataforma de pedras dentro do santuário. As três pedras e a plataforma, uma espécie de altar, estavam voltadas para o leste, com uma leve inclinação para o norte, na direção das montanhas de Gileade, para o vale do Jarmuque, atual Jordânia (MAZAR, <http://www.rehov.org/Rehov/Results.htm>; ZIFFER,

2016, p. 69). Para Mazar e Panitz-Cohen, este santuário de Tel Rehov pode ser considerado uma *bāmāh* בָּמָה (lugar alto) já que este termo hebraico pode ter o sentido de santuário, como é o caso do texto de 1Sm 9.22-25, onde aparecem dois termos hebraicos distintos para se referir ao santuário onde Saul e Samuel estavam, *liškāh* לִשְׁכָּה (sala, câmara) e *bāmāh* בָּמָה (lugar alto, santuário). O termo *liškāh* לִשְׁכָּה (sala, câmara) se refere à arquitetura do santuário e o termo *bāmāh* בָּמָה (lugar alto, santuário) ao santuário propriamente dito (ZIFFER, 2016: 69; HOLLADAY, 2010: 56, 253; CLINES, 2009: 49, 198).

Há grande discussão sobre o termo hebraico *bāmāh* בָּמָה (comumente traduzido como “lugar alto”). Não entrarei aqui no mérito da discussão sobre os significados que a palavra *bāmāh* pode assumir dependendo do seu contexto, mas o objetivo é apresentar essa dificuldade em se entender o que de fato era uma *bāmāh* nos tempos bíblicos. Mazar e Panitz-Cohen concordam em afirmar que o santuário de Tel Rehov era uma *bāmāh*, mas num recente artigo publicado por Cardoso (2016, p. 10-16), ele aponta entre outros aspectos, o paralelismo encontrado no uso das palavras *bāmāh* e *miqdāš* (santuário). Para ele não é possível saber se *bāmāh* era um santuário complexo fechado ou aberto, ou se era apenas uma plataforma cültica, diferente de *miqdāš*, que faz referência a uma estrutura mais complexa de culto, o que caberia melhor na interpretação do santuário complexo de Tel Rehov.

Na área C dentro do apiário, do lado oeste do santuário, foi encontrado um surpreendente altar de quatro chifres feito de barro ornamentado com figuras geométricas e divindades em alto relevo. O altar que foi datado do final do séc. X AEC está associado ao apiário, pois foi encontrado na mesma área do apiário e junto com os utensílios de culto. Esta associação é possível já que outros casos semelhantes foram encontrados em Israel, onde altares estavam associados à agricultura, como o cultivo de azeitonas, como em Tel Migne-Ekron, e à indústria do cobre como encontrado em Timna, no Vale de Arabá, na Idade do Ferro IIB (MAZAR, 2007: 212-213).

O altar de barro de quatro chifres que foi restaurado pela equipe de Mazar, está decorado com duas divindades femininas nuas em alto relevo, possivelmente, Aserá אֲשֵׁרָה (*’āšērāh*, traduzida nas Bíblias em português geralmente como “poste-ídolo” ou “poste”), nas laterais frontais, acima dos pés do altar. Elas parecem flanquear uma árvore de ambos os lados. Acima delas está a borda do altar, em cada chifre há um desenho como de uma árvore inclinada, seguindo do formato de cada chifre, e entre os chifres, figuras triangulares (MAZAR, 2003: 148-153). Isto indica claramente culto de fertilidade, os chifres do altar e as deusas nuas, são representações de virilidade e capacidade reprodução, para pessoas, animais, as plantações e para a produção de mel da cidade.

O culto em Rehov estava diretamente ligado ao apiário e à produção do mel, bem como a sua comercialização. Isto porque grande parte da parafernália cültica foi encontrada na região do apiário próxima às colmeias. O altar encontrado no apiário era utilizado para a oferta de mel queimado para a divindade. Não está bem claro para qual divindade era realizado esse culto e essa oferta de mel, mas é possível que fosse para *’el* e Asherá. Mas também há pequenos indícios de culto javista na cidade, por causa das inscrições *nmš* (Nimsi) e [’]lyš’ (Eliseu), promotores do javismo em Israel Norte no séc. IX AEC. Sobre a oferta de mel há um versículo bíblico de Levíticos 2.11-12 onde existe uma proibição de oferecer o mel sobre o altar como uma oferta queimada, vejamos:

Lv 2.11: *Nenhuma das oblações que oferecerdes a Iahweh será preparada com fermento, pois jamais queimareis fermento ou mel como oferta queimada a Iahweh. Podereis oferece-los a Iahweh como oferenda das primícias, mas não os colocareis sobre o altar como perfume de agradável odor.* (BJ – Bíblia de Jerusalém)

*Lv 2.11: Nenhuma oferta de manjares, que fizerdes ao SENHOR, se fará com fermento; porque de nenhum fermento e de mel nenhum queimareis por oferta ao SENHOR. Deles, trareis ao SENHOR por oferta das primícias; todavia, não se porão sobre o altar como aroma agradável.* (ARA – Almeida Revista e Atualizada)

Se havia a proibição de oferecer mel como oferta queimada sobre o altar é porque havia essa prática, do contrário, não haveria a necessidade de proibição. Tal proibição para sacrificar o mel pode ser uma reação sacerdotal contra o seu uso no culto do antigo oriente, e talvez, mais especificamente, de Israel Norte. Sacrifícios com mel são conhecidos em diversos lugares na antiguidade; no Egito, por exemplo, o mel era considerado como as “lágrimas de Re” e era sacrificado para Amon-Re em Karnak. É possível que em Ez 16.19 Javé esteja reprovando o sacrifício de mel a outras divindades, talvez às divindades babilônicas. Em Is 7.15 o mel e o leite seriam o alimento básico para o Emanuel, mas este texto certamente era uma advertência contra o rei Acáz que tentava fazer aliança com os assírios e, possivelmente, adotar seus costumes (BOTTERWECK, vol. III, 1997: 129-130).

É possível que sobre este altar de Rehov tenha sido ofertado mel queimado durante o séc. X e IX AEC. O formato do altar de Tel Rehov, o que foi encontrado sobre ele e sua localização, sugerem que o mel era posto na parte de cima do altar (côncavo) e queimado. O mel era, então, oferecido queimado sobre o altar, talvez durante alguma festividade cültica relacionada ao apiário e ao comércio do mel.

**Figura 6** – Altar de Barro com Quatro Chifres. Foto tirada no Museu da Terra de Israel, em Tel Aviv, 2016.



Altar de barro de quatro chifres, datado do séc. X AEC, encontrado junto ao apiário, utilizado para oferta (possivelmente queimada) de mel. (Foto: Acervo do autor).

Além do altar e dos utensílios de culto foram encontradas também, estatuetas femininas nuas, datadas do séc. X AEC, e uma cabeça de uma figura feminina, datada do

séc. IX AEC. Também foi encontrado um pequeno santuário feito de argila com cerca de 38 a 40 cm de largura e cerca de 10 cm de altura. O santuário é um nicho que foi encontrado vazio, não sendo possível saber se havia uma divindade dentro dele, já que poderia ser um altar anicônico. Sobre o santuário há uma figura em alto relevo é um animal, um leão com a língua para fora. As patas dianteiras do leão estão estendidas sobre duas cabeças humanas, uma sob cada pata em ambos os lados do animal (KAEFER, 2016: 46; ZIFFER, 2016: 39c-42c, 40).

Esta parafernália cültica revela a cultura religiosa de Rehov, os bastidores da história de Israel Norte, seu domínio e sua religiosidade pluralista, onde Baal e Asherá estavam bem presentes no imaginário popular israelita, com alto teor de influência da religiosidade canaanita. Isto mostra que o culto a Javé não era consenso em todo o território, o que indica um certo politeísmo em Israel ainda no séc. X e IX AEC. O monoteísmo do culto a Javé foi algo imposto no decorrer dos séculos, mas mesmo com o auge do monoteísmo israelita, as demais divindades sempre estiveram presentes na periferia religiosa, na religiosidade popular de Israel.

Mais interessante ainda é que até os achados de Tel Rehov, esses tipos de culto em Israel eram desconhecidos dos pesquisadores. Tanto a parafernália cültica quanto os objetos e objetivos do culto são coisas inéditas na pesquisa bíblica, já que nunca se tinha encontrado tais indícios em Israel. A existência do apiário de tamanhas proporções e uma religiosidade que girava em torno dele trazem luz para a compreensão da diversidade do culto em Israel Norte, principalmente, no período da monarquia israelita do séc. IX AEC.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A famosa expressão bíblica “terra que mana leite e mel”, além de ser uma frase com sentido unicamente metafórico, ela carrega em si muito de histórico. Tal frase passa a fazer mais sentido depois das descobertas arqueológicas do sítio de Tel Rehov, no norte de Israel. O grande apiário descoberto em 2005 e escavado até 2007 é o maior já encontrado em toda a região do Levante. A incrível quantidade de mel produzido anualmente em Rehov pode ter sido ainda maior, porque é possível que haja mais colmeias enterradas na área C do *tel*.

O domínio dos omridas sobre a cidade me parece bem justificado, pela presença de evidências da família de Jeú e do óstraco contendo o nome de Eliseu, um profeta do Norte que atuou na época do rei Acabe e Acazias. A cidade tinha grande importância econômica e estratégica, e sua localização, entre os vales do Jordão e de Jezreel faz dela um centro comercial e parada para as caravanas em viagem. Os reis da dinastia omrida ampliaram seu poderio comercial com a produção e negociação de mel e cera de abelha. A facilidade de se chegar às rotas comerciais internacionais (Estrada do Mar e Estrada do Rei), facilitava o comércio entre o Egito, Transjordânia, Arábia, Damasco e Mesopotâmia. Também, através do casamento de Acab com Jezabel, o estreitamento das ligações comerciais com a Fenícia e seus navios que atravessavam todo o Mar Mediterrâneo, tornou-se mais forte.

As divindades encontradas em Tel Rehov mostram a diversidade religiosa da cidade entre o séc. X e IX AEC. Divindades femininas nuas estão bem presentes, tanto como estatuetas como esculpidas nos altares da cidade. Há vários indícios de culto de fertilidade entre os achados, o próprio “culto do mel” onde o mel era oferecido queimado como sacrifício, fortalece tais evidências. O próprio nome Rehov remete à cidade um caráter de centro ou largo, onde deveriam acontecer festivais relacionados ao mel, e ao trânsito de peregrinos e comerciantes, que viajavam de norte a sul ou de leste oeste.

Não aparece o nome de Javé entre os achados, mas o nome da família de Jeú é citada nas inscrições e o nome de Eliseu num dos óstracos, ambos promotores do javismo

conforme as narrativas dos livros dos Reis. Isso poderia indicar a presença de um culto javista em meio ao culto a outras divindades. O próprio complexo do templo, com várias salas, estelas e altares, indica a existência de um panteão de deuses e deusas na cidade, talvez por estar localizada num entroncamento de importantes rotas comerciais, o que ocasionava a presença de pessoas de diversas localidades e que adoravam divindades diferentes. Isto tornava possível o encontro de culturas religiosas, trocas e apropriações de crenças, mitos ou ritos.

O sítio de Tel Rehov também se torna bem interessante quando se trabalha o tema do Êxodo como originário de Israel Norte. Isto porque uma das frases que mais ocorre nos textos referentes ao Êxodo é a que diz que a terra mana leite e mel. Com estes achados, essa ideia se torna mais concreta e a frase “mana leite e mel” ganha novos significados e amplia nosso conhecimento a respeito de Israel Norte. Não há como negar que diferente de Judá, uma terra predominantemente desértica, Israel Norte fosse a terra dos sonhos e desejos, e Rehov, o símbolo da terra que mana leite e mel.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, James P. 2005. *The Art of Medicine in Ancient Egypt*. Metropolitan Museum of Art of New York. New York: Metropolitan Museum of Art.
- AUFDERHEIDE, Arthur C. 2003. *The Scientific Study of Mummies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BEN-TOR, Daphna (org.). 2016. *Pharaoh in Canaan: The Untold Story*. Jerusalem: The Israel Museum.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. (BJ). 1985. São Paulo: Paulus.
- BÍBLIA SAGRADA COM CONCORDÂNCIA. (ARA) Ed. Revista e Atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblia do Brasil, 2008.
- BREASTED, James Henry. 1906. *Ancient Records of Egypt: Historical Documents. Vol.2. The Eighteenth Dynasty*. Chicago: The University of Chicago Press.
- BORDREUIL, Pierre; PARDEE, Dennis. 2009. *A Manual of Ugaritic. Linguistic Studies in Ancient West Semitic*. Indiana: Eisenbrauns.
- BOTTERWECK, Johannes (et al). 1997. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. III. Grand Rapids/Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company.
- BUDGE, Ernest A. W. 1904. *The Gods of the Egyptians or Studies in Egyptian Mythology*. Vol. II. Chicago: The Open Court Publishing Company.
- CARDOSO, Silas Klein. 2016. "Materialidade do Culto Israelita Pré-exílico: Análise Exegética, Arqueológica e Iconográfica de Alguns Objetos de Culto". Em: *Plura: Revista de Estudos de Religião*. Vol.7. N.02.
- CLINES, David. (ed.). 2009. *The Concise Dictionary of Classical Hebrew*. Sheffield: Sheffield Phoenix Press.
- DAVIES, G. I.; et al. 2004. *Ancient Hebrew Inscriptions: Corpus and Concordance*. Vol.1. Cambridge: Cambridge University Press,
- DAVID, Rosalie (ed). 2008. *Egyptian Mummies and Modern Science*. Cambridge: Cambridge University Press,
- DAVIDSON, Benjamin. 2018. *Léxico Analítico Hebraico e Caldaico*. [Trad. Daniel de Oliveira e William Lane]. São Paulo: Vida Nova.
- FINKELSTEIN, Israel. 2015. *O Reino Esquecido: Arqueologia e História de Israel Norte*. [Trad. Silas Klein Cardoso; Élcio Valmiro Sales de Mendonça]. Coleção Bíblica. São Paulo: Paulus.
- FINKELSTEIN, Israel. (s/d). "A Low Chronology Update: Archaeology, History and Bible". In: *The Bible and Radiocarbon Dating*, p. 31-42.
- FINKELSTEIN, Israel. 2011. Stages in the Territorial Expansion of the Northern Kingdom. In: *Vetus Testamentum* 61. Leidan: Brill, , p. 227-242.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason; WALTKE, Bruce K. 1998. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova.
- HARRISON, Timothy P. 1984. *Megiddo 3: Final Report on the Stratum VI Excavations*. The Oriental Institute of the University of Chicago. Chicago/Illinois: Oriental Institute Publications.
- HOLLADAY, William. 2010. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova.
- KAEFER, José Ademar. 2016. *Arqueologia das Terras da Bíblia II*. São Paulo: Paulus.

- KAUFMAN, Ivan. "Samaria Ostraca". 1997. Em: MEYER, Eric M. (ed). *The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East*. Vol.4. American Schools of Oriental Research. New York/Oxford: Oxford University Press.
- LEFEBVRE, Gustave. 2003. *Mitos y Cuentos Egipcios de la Época Faraónica*. [Tradução do francês: José Miguel Serrano Delgado]. Akal Oriente. Madrid: Ediciones Akal.
- LIVERANI, Mario. 2008. *Para Além da Bíblia: História Antiga de Israel*. 2.ed. São Paulo: Paulus/Loyola,
- MAZAR, Amihai. Rehob. 2013. In: MASTER, D.M. et.al. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of Bible and Archaeology*. Vol.01. New York: Oxford University Press.
- MAZAR, Amihai. 2003. הפירות תל רחוב ומשמעותן לחקר תקופת-הברזל בישראל. *Eretz Israel* 27 (2003): 143-160. Disponível em: <http://www.Rehov.org/Rehov/publications/mazar%20EI%202003.pdf>. Acesso em 18/11/2015.
- MAZAR, A.; PANITZ-COHEN, N. 2008. המכוורת מתקופת הברזל בתל רחוב: התגלית ומשמעותה. In: *Qadmoniot 136*, vol.41, 2008, p. 83-92 (em hebraico). Disponível em: <http://www.Rehov.org/Rehov/publications/Mazar,%20Panitz-Cohen%20and%20Namdar%202008.%20Qadmoniot.pdf>. Acesso em 18/11/2015.
- MAZAR, A.; PANITZ-COHEN, N. 2015. "It Is the Land of Honey: Beekeeping in Iron Age IIA Tel Rehov - Culture, Cult and Economy". In: *Near Eastern Archaeology* 70:4, 2007, p. 202-219. Disponível em: [http://www.Rehov.org/Rehov/publications/Mazar\\_NEA70\\_4.pdf](http://www.Rehov.org/Rehov/publications/Mazar_NEA70_4.pdf). Acesso em 18/11/2015.
- MAZAR, Amihai. 2003a. "Three 10th-9th Century B.C.E. Inscriptions from Tel Rehov", p. 171-184. In: C.G. den Hertog, U. Hübner; S. Münger (ed.). *Saxa loquentur. Studien zur Archäologie Palästinas/Israels*. Festschrift für Volkmar Fritz zum 65. Geburtstag (Alter Orient und Altes Testament 302), Münster, 2003a. Disponível em: <http://www.Rehov.org/Rehov/publications/index3.htm>. Acesso em 18/11/2015.
- MAZAR, A.; AHITUV, Sh. 2011. הכתובות מתל רחוב ותרומתן לחקר הכתב והכתיבה בתקופת הברזל. *Eretz Israel* 30 (2011) 300-316. Disponível em: [http://www.Rehov.org/Rehov/publications/Rehov\\_Inscriptions\\_EI30.pdf](http://www.Rehov.org/Rehov/publications/Rehov_Inscriptions_EI30.pdf). Acesso em 18/11/2015.
- MAZAR, Amihai; AHITUV, Shmuel. 2014. The Inscriptions from Tel Rehov and their Contribution to the Study of Script and Writing during Iron Age IIA. Em: ESHEL, Esther; LEVIN, Yigal (ed.) "See, I will bring a scroll recounting what befell me" (Ps 40:8) Epigraphy and Daily Life from the Bible to the Talmud. Dedicated to the Memory of Professor Hanan Eshel. Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co. KG, Göttingen/ Vandenhoeck & Ruprecht LLC, Bristol.
- MAZAR, A. 2003. *Tel Rehov*. Disponível em: <http://www.Rehov.org/Rehov/Results.htm>. 2003. Acesso em 24/04/2016.
- MAZAR, A. 2016. *Tel Rehov - Overview*. Disponível em: <http://www.Rehov.org/Rehov/index.htm>. Acesso em 24/04/2016.
- NAVEH, Joseph. s/d. *The Origins of the Alphabets: introduction to Archaeology*. Jerusalem: Jerusalem Publishing House/Palphot.
- FEIG, Norit. s/d. תל עמל: יישוב מתקופת הברזל א' ושרידים מתקופות הברונזה התיכונה והעות'מאנית. 125 ארכיאולוגיות - הפירות וסקרים בישראל s/d.
- PEREIRA, Maria Antónia. 2001. A Dimensão Política e Literária da Narrativa de Sinuhe. Em: *CADMO 11*. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa. 2001, p. 85-100.
- PRITCHARD, James B. (ed.). 1969. *Ancient Near Eastern Texts: relating to Old Testament*. ANET. Third Edition with Supplement. Princeton: Princeton University Press, 1969.

PROLOG. s/d. *Dicionário Prático Bilingüe: Português-Hebraico, Hebraico-Português*. Israel: Prolog.

SIMPSON, William Kelly (ed.). 2003. *The Literature of Ancient Egypt: an anthology of stories, instructions, stelae, autobiographies, and poetry*. 3.ed. New Haven/London: Yale University Press.

SHAMIR, Orit. Tel s/d. *'Amal: Loomweights. Excavations ans Surveys in Israel 125*. Hadashot Arkeologiyot.

TAL, DUBY; HARAMATI, MONI; GIBSON, SHIMON. 2015. *Flights into Biblical Archaeology*. Israel Antiquities Authority. 4.ed. Jerusalem: Albatroz.

ZIFFER, Irit (ed.). 2016. דבש מלכים : תגליות מהעיר רחוב, ימי ראשית המלוכה בישראל. Tel Aviv: Muza Eretz Israel Museum Tel-Aviv.